O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS:

UM NOVO OLHAR NA SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA

ALINA MACIEL RODRIGUES PASSOS

RESUMO

A Educação para Jovens e Adultos (EJA) se apresenta ainda como uma realidade na educação brasileira, dando oportunidade para o indivíduo voltar a estudar e completar seu aprendizado a partir do momento, onde independente do motivo, houve uma interrupção ou cessar. O pedagogo, o professor que se aventura no ensino e aprendizado para essa faixa etária, deve ter consciência de que tem em mãos um grupo extremamente peculiar, com uma gama de oportunidades a partir da bagagem histórica, cultural e social dos seus alunos. Esse artigo científico tem como objetivo demonstrar a importância da formação docente que tem como público alvo os alunos do EJA, sempre amparado em metodologias e didáticas que sejam significativas para os mesmos e promovam o seu adequado desenvolvimento de forma plena, crítica e útil além dos muros escolares. Por meio de uma metodologia amparada em uma revisão bibliográfica, em livros, artigos e publicações eletrônicas, acerca do EJA e suas metodologias e didáticas, o artigo tem sua comprovação científica. Ministrar aulas no EJA, vai muito além de transmitir conteúdos, trata-se de uma troca valorosa de ensinamentos, do professor para o aluno e vice versa, onde a individualidade e as especificidades do mesmo devem ser levadas em conta ainda mais, para que suas verdadeiras potencialidades sejam desenvolvidas e que o seu aprendizado e desenvolvimento seja sempre significativo, prazeroso e efetivo.

Palavras Chave: EJA, metodologias, didáticas e metodologias.

ABSTRACT

Education for Youth and Adults (EJA) is still a reality in Brazilian education, giving the individual an opportunity to return to study and complete their learning from the moment, regardless of the reason, there was an interruption or cease. The pedagogue, the teacher who ventures into teaching and learning for this age group, must be aware that he has an extremely peculiar group at hand, with a range of opportunities based on the historical, cultural and social background of his students. This scientific article aims to demonstrate the importance of teacher training that targets EJA students, always supported by methodologies and didactics that are meaningful to them and promote their appropriate development in a full, critical and useful way beyond the walls schoolchildren. Through a methodology supported by a bibliographic review, in books, articles and electronic publications, about the EJA and its methodologies and didactics, the article has its scientific proof. Teaching classes at EJA, goes far beyond transmitting content, it is a valuable exchange of teachings, from the teacher to the student and vice versa, where the individuality and specificities of the same must be taken into account even more, so that their true potentials are developed and that their learning and development

is always meaningful, pleasurable and effective.

Keywords: EJA, methodologies, didactics and methodologies.

INTRODUÇÃO

Atualmente são inúmeros os casos de pessoas que voltaram a estudar depois de um longo período afastado da escola por inúmeros e diferentes motivos. Também o seu retorno ocorre com objetivos diferenciados, sejam estes profissionais, sociais, econômicos ou até valorização pessoal.

Definida como educação para jovens e adultos (EJA), está presente nas escolas públicas e tem como público alvo as pessoas citadas acima, com turmas em horários variados, apresentando uma sala heterogênea, muitas vezes com jovens que não terminaram o ensino fundamental I e adultos que não terminaram essa etapa na sua vida escolar e/ou o ensino médio.

Com isso o professor ganhou mais um grupo onde poderia ministrar suas aulas e paralelamente passa a ter que pensar em uma didática e metodologia totalmente diferenciadas daquelas que existiam quando o mesmo ministrava suas aulas para as crianças ou adolescentes.

Esse trabalho se justifica pela necessidade de quebrar certos paradigmas e conceitos que ainda persistem em existir quando se trata da educação para jovens e adultos, ou seja, formas inadequadas que muitos educadores utilizam para ministrar suas aulas em grupos tão heterogêneos e ao mesmo tempo tão específicos.

Torna-se inadmissível observar ainda hoje, professores que atuam no EJA e utilizam metodologias, didáticas e recursos similares a educação para crianças ou adolescentes que estão dentro do ano escolar preciso.

Esse artigo científico tem o objetivo de demonstrar como essas formas são permissivas, enfadonhas, desestimulantes e acima de tudo, como deve ser permeada a educação de jovens e adultos no que se refere a didática e metodologia, no que compete a formação desse docente.

A metodologia é realizada por meio de uma revisão bibliográfica, com uma intensa pesquisa de livros, revistas especializadas e pesquisa eletrônica, acerca da didática, metodologia e aprendizagem sobre os estudantes da EJA e a formação dos docentes que atuam com esse público, para que o tema em questão possa sair do senso comum e ser comprovado cientificamente.

A educação para jovens e adultos é um direito de todos, bem como a sua qualidade, na formação de um indivíduo letrado, crítico, argumentativo e acima de tudo, transformador da sociedade do qual vivemos.

2. EJA: A NEDESSIDADE DE UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Entender a necessidade de uma didática diferenciada para a educação de jovens e adultos é o primeiro passo para um aprendizado significativo para o estudante e também para o professor.

Fugir das mesmices e das ideias

chamadas tradicionais, romper com os conceitos que giram em torno da repetição, do decorar, são necessários e para isso não apenas a didática, mais também o professor deve romper com esses laços.

A aprendizagem na escola ocorre porque alguém a está buscando para satisfazer uma necessidade, principalmente quando se refere à educação de jovens e adultos, que por diferenciadas razões não concluíram seus estudos e agora retornam com esse intuito, projetando uma vida melhor, dentro de cada necessidade individual e própria.

Os adultos se vêem impelidos a buscar uma nova instrução diante da consciência de sua necessidade de conhecimentos e habilidades novas para resolver problemas ou para alcançar um maior desenvolvimento pessoal.

A aprendizagem do adulto depende também, de seu desenvolvimento, seu interesse pelos conteúdos apresentados e, principalmente, seu desejo de aprender. É importante salientar que o adulto traz consigo o desejo, a motivação e a experiência de vida, que contribuem para a aprendizagem, porém não podemos esquecer que a tarefa de aprender deve ter significado para o educando e relacionar-se com seus objetivos, pois quando o adulto compreende o propósito da tarefa, aumenta seu rendimento.

Becker (2001) relara que o professor, além de ensinar, precisa aprender o que seu aluno já construiu até o momento – condição prévia das aprendizagens futuras.

A sensibilidade do professor é algo extremamente importante no sentido de perceber e respeitar o ritmo de cada aluno. Por isso é imprescindível que ele valorize os conhecimentos trazidos pelo adulto que, após um longo dia de trabalho, vem para a escola, cansado, e ao retornar à sua casa tem pouco, ou nenhum, tempo para rever os conteúdos aprendidos.

Sabemos que muitas vezes, infelizmente, o único tempo disponível que o adulto tem para participar em educação de adultos é à noite, depois de um longo dia de trabalho. O seu cansaço não só contribui para a sua convicção de que não consegue aprender, mas também muitas vezes, leva-o a não aparecer às aulas.

Mesmo quando não trabalha fora, esse adulto como uma dona de casa, tem a árdua e na maioria das vezes incompreendida função de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Essas são suas prioridades e os estudos mais uma tarefa que ela tem que agregar e realizar, sem colocar em detrimento às outras.

Sabe-se que a aprendizagem do adulto é diferente da aprendizagem da criança e que essas diferenças são claras e numerosas, no entanto, muitas vezes aplicam-se os mesmos métodos para ensinar e ainda se espera que os adultos tenham a mesma facilidade. Às vezes usa-se até a fala infantilizada, acreditando que assim o adulto compreenderá melhor o que está sendo ensinado.

Não basta só o que querem os governantes, a própria forma de se estudar a EJA deve ser diferente. Os sistemas de ensino continuam estruturados como se a mesma pedagogia utilizada para as crianças pudesse ser aplicada aos adultos.

Antes de qualquer conduta, deve-

mos ter em mente que ensinar adultos nunca foi e nunca será igual alfabetizar crianças. Esse conceito pode parecer extremamente óbvio, porém absurdamente ainda nos deparamos com educadores utilizando métodos de ensino utilizados em crianças para adultos. Esse conceito pode ser explicado pela própria definição de alguns termos relacionados a educação.

Pedagogia, palavra derivada do grego pais (criança) e ago (conduzir), significa a condução de crianças, portanto Andragogia é a melhor palavra para definir a arte de educar adultos. (STRECK, 2008)

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. (GADOTTI, 2001)

Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar auto estima, pois a sua ignorância lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente com relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar.

Com isso é fato que o educador precisa encontrar melhores formas de ensinar, destinadas ao adulto, de forma que suas especificidades sejam contempladas e a aprendizagem ocorra efetivamente.

O adulto traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação a inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto faz com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança) e, provavelmente maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (OLIVEIRA, 1999)

Embora os adultos tenham essa capacidade, na maioria das vezes eles não percebem isso em sua vida e ainda carregam em si a ideia de que são incapazes ou impossibilitados de aprender, o que demanda tempo e paciência do educador para retirar deles essa idéia. Muitas vezes, eles passam a cobrar do professor aquilo que entendem como facilitador de sua aprendizagem: a cartilha, o dever de casa, a cópia de textos, o ditado e as provas.

O tempo que o educando adulto necessita para aprender é diferente do tempo da criança, e muitas vezes diferente dos seus pares, pois trazem consigo diferentes histórias de vida. O educador não pode comparar indivíduos, pois cada um possui características próprias.

(NASCIMENTO, 2000)

É preciso respeitar não só a individualidade dos adultos, como também as diferenças, valorizando os conhecimentos trazidos de outras experiências escolares, os saberes adquiridos ao longo da vida, mesmo para aqueles que não tiveram a oportunidade de acesso à educação em idade adequada.

Muitas vezes a sensação de fracasso também é vivida pelo professor, quando é cobrado pelo aluno e pelos governantes,

que querem ver apenas a aprovação em massa, sem se preocupar com a verdadeira aprendizagem.

Isso só reforça que investir na educação, possibilitando o acesso dos adultos à instrução sistematizada, é mais importante do que simplesmente conferir certificados.

3. O PROFESSOR DO EJA E SUAS NECESSÁRIAS CARACTERÍSTICAS

É desejável considerar que, embora esse educando possa estar retornando à sala de aula após um período de afastamento, ele, em muitos casos, pode chegar com mais informações que o professor, devido à facilidade de circulação das mesmas, ao acesso a mídia e outros modos de se prover do conhecimento.

Por essa razão, é possível encontrar autores que pontuam a necessidade de uma formação docente que não se limite à graduação, incluindo um respaldo cultural. Em outras palavras, que a formação docente preveja momentos de apuração crítica, bibliografia que fomente a leitura e a reflexão da prática, idas ao teatro, dentre outros. Quanto mais for emancipado o professor, maiores chances o educando com quem trabalha de ser incentivado a alcançar um nível maior de liberdade.

É desafiador para o mestre a missão de motivar o educando a ser autônomo, crítico, protagonista das decisões da sociedade e do ambiente de que faz parte.

A prática pedagógica da sala de aula, não deve ser pensada para o educando, mas com o educando, ele pode e deve apresentar o que de fato é para ele importante aprender. Dessa forma, o educando deixará a posição de oprimido assumindo a libertação, caso a deseje. (FREIRE, 2011)

Dessa forma, Souza (2011) destaca que os sujeitos da EJA hoje são diversos:

trabalhadores, aposentados, jovens empregados e em busca do primeiro emprego; pessoas com necessidades educativas especiais, para citar alguns. Daí decorre também a preocupação com o conceito de diversidade cultural no contexto da EJA. Os sujeitos da EJA atualmente são o trabalhador experiente e o jovem com outro tipo de experiência no mundo.

Essa variedade de situações que o educador da EJA pode encontrar em sala de aula é um quadro que vem se formando há pouco tempo, mas que justifica o nome dado à modalidade é a formação de turmas da EJA com a presença cada vez maior de alunos jovens, o que não era comum há alguns anos. Estes chegam às escolas por motivos como, conseguir emprego; por questões de indisciplina, pois “atrapalham o desenvolvimento da aula”; por serem pessoas com necessidades educativas especiais e em decorrência disso serem reprovados por diversas vezes, dentre outros fatores.

Sobre o perfil do educador, muitas vezes os mesmos não são graduados em Pedagogia. Pode-se encontrar nas salas da EJA professores licenciados em Letras, Biologia, Matemática ou com outras graduações. Essa abertura é possível uma vez que o ensino na modalidade pode ser ministrado de modo uni docente, quando nos anos iniciais. Além disso, são os profissionais das demais licenciaturas que

atuam em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. (SOUZA, 2011)

Também, em várias das situações, há coexistência de adolescentes, jovens, adultos e idosos numa mesma turma, isso torna o trabalho docente mais complexo, no que se refere ao traquejo para lidar com a variabilidade de modos de ver e interagir com o mundo que cerca esses sujeitos. Também torna o trabalho mais interessante, à medida que o desafio de lidar com essa situação exige do docente maior sensibilidade e competência técnica.

Souza (2011) também destaca que percebe-se que existem na alfabetização e letramento dos jovens e adultos, alguns obstáculos a serem transpassados. Os professores enfrentam algumas dificuldades, tendo que lidar com educandos com seus medos, baixa estima, frustrações e desmotivações. Os alunos acham-se incapazes e, às vezes, velhos demais para aprender, muitos enfrentam pobreza extrema, problemas sociais e falta de moradia, entre outros. Os professores em sua maioria não possuem qualificação específica para atuar nesta modalidade de ensino, as instalações não são adequadas e o material didático tem que ser adequado e às vezes, improvisado.

A formação profissional do educador era construída com o foco na infância, com pessoas que não fala, não tem problemas e questionamentos, e a educação de jovens e adultos é o oposto disso. A EJA possui características distintas, com isso faz se necessário um educador capacitado, que saiba como interagir, agir, estimular e ensinar para estes jovens e adultos. (ARROYO, 2006)

A evasão, repetência e dificuldades de continuar os estudos, dificultam o processo de escolarização. Apesar de a evasão ter diminuído devido a seletividade da repetência, com a progressão continuada, muitas ainda são as dificuldades encontradas pelo educador na educação de jovens e adultos.

Por outro lado, hoje em dia já podemos observar a existência de vários cursos de pós graduação específicos para a educação de jovens e adultos, cursos de extensão, que são de extremamente importância para a formação de profissional.

Sabe-se também que as políticas públicas também devem contribuir de forma efetiva nesse tipo de educação, buscando o verdadeiro sentido da mesma, a formação de um indivíduo crítico, capaz e pleno de sua cidadania. Diferente de décadas atrás, quando a educação de jovens e adultos serviu apenas para a formação de uma mão de obra qualificada e sem capacidade de argumentação.

Pierro (2010) descreve que para que as políticas públicas possam conferir materialidade, a concepções mais apropriadas de alfabetização e educação básica de qualidade, (o que implica também, articular devidamente oportunidades de qualificação profissional e acesso às tecnologias da comunicação e informação), é preciso ampliar o financiamento destinado à EJA, e reverter a situação de despreparo e desvalorização profissional dos educadores que a ela se dedicam.

Os alunos da EJA necessitam de diálogo, compreensão e estímulo, não são muito diferentes do ensino tradicional, mas possui suas particularidades e

devem ser levadas em consideração para uma efetividade no ensino. Os alunos só aprenderão se quiserem aprender, especialmente porque aprender custa esforço e ninguém fará esforço a troco de nada. Os velhos "truques", muito usados anteriormente, de ameaçar com notas baixas e reprovação não funcionam na EJA. Jovens e adultos não se intimidam facilmente e eles só irão empenhar-se em aprender os assuntos sobre os quais tenham interesse.

Outra dificuldade no processo de ensino-aprendizagem dos jovens e adultos, são os referencias ensinado, pois estes têm que fazer sentido dentro da realidade deles. E é por este fator que muitos voltam ou entram em um estabelecimento de ensino, buscando mudar sua realidade de vida, sonhando com a possibilidade de um emprego melhor, e se este conhecimento não se encaixa na realidade deles, se desmotivam ou saem da Escola. (FREIRE, 2011)

Cabe salientar que nesta modalidade de ensino, os educandos não possuem muito tempo para estudar, pois nesta fase a maioria dos alunos trabalham, possuem famílias, dificultando assim, a dedicação aos estudos.

Mas não se pode negar que o fracasso escolar na EJA, não é responsabilidade exclusiva dos órgãos governamentais e/ou escola e professores, mas o educando também faz parte deste processo, ele é co-autor e também possui sua parcela de responsabilidade. Mas é normal que o adulto nesta fase busque desculpas e culpados para se justificar, como muitos fazem, onde deveria reconhecer o seu erro de se auto justifica e dedicar-se da melhor forma a um novo recomeço, apesar das dificuldades. (ARROYO, 2006)

O planejamento deve estar atrelado à realidade e as necessidades dos alunos, e o livro didático nunca deve ser considerado um plano de trabalho, apesar de ser

Na Educação para Jovens e Adultos, tendo em vista, a grande diversidade dos alunos, é praticamente impossível existir um livro didático que dê conta das variações de idades, experiências, interesses e conhecimentos presentes numa mesma sala de aula. Assim sendo, o educador deve planejar as suas aulas considerando o livro didático e outras metodologias que facilitem e estimulem o aprendizado. (SECAD, 2006)

O principal desafio da produção de livros didáticos para alfabetização de jovens e adultos consiste na concretização de propostas pedagógicas que abarquem as necessidades dos sujeitos envolvidos, as realidades locais e a diversidade cultural constitutivas dos grupos sociais que buscam aprender a ler e a escrever na vida adulta ou juventude. (UNESCO, 2008)

Apesar de todo o avanço na educação, as políticas públicas ainda não estão sendo eficazes no objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil e a evasão escolar, que ainda existe, por menor que seja. O direito a uma educação de qualidade está sendo negada, muitas vezes por não ser interessante para os governos outras também devido a intensa burocracia em que se instalou tudo que se relaciona ao nosso sistema educacional. Alunos chegam ao ensino médio tendo dificuldades básicas de letramento, muitos erram até na escrita do seu próprio nome.

Com isso a EJA não é posta como

somente uma modalidade de ensino a ser oferecida para aqueles que não tiveram acesso na idade própria, mas terá uma função reparadora de toda a situação caótica descrita no parágrafo acima.

4. CONCEITOS IMPORTANTES ACERCA DA APRENDIZAGEM NO EJA

A aprendizagem é inerente ao ser humano, desde o nascimento ele está em constante aprendizado, aprendendo a mamar, segurar objetos, andar, falar, comer sozinho, entre outros, até chegar ao aprendizado formal. A aprendizagem para o jovem e o adulto é muito importante, é imprescindível o aprendizado da leitura e escrita, que é o processo básico da escolarização. Dando ênfase não somente ao aprendizado da leitura, mas a compreensão do que se está sendo lido.

A aprendizagem pode ser natural ou induzida, onde a espontânea baseia-se em preferências e motivações pessoais, ocorre por tentativa e erro, imitação, observação, por meio de fontes acessadas no dia-a-dia. Já a induzida ocorre em contextos estruturados para ensinar, tendo como ações planejadas a fim de facilitar a aprendizagem. (CHAGAS, 2010)

O professor deve ser um parceiro na aprendizagem de seus alunos, ser um bom mediador, se permitir aprender com os conhecimentos de seus alunos e poder refletir sobre a sua prática.

O conhecimento como cooperação, criatividade e criticidade, fomenta a liberdade e a coragem para transformar, sendo que o aprendiz se torna sujeito ator como protagonista da sua aprendizagem.

Sair da mesmice, buscar novas formas de aprendizados, atrelados a realidade dos educandos são algumas condutas primordiais para os mesmos quando ministram aulas para jovens e adultos. Muitos alertam que dessa forma o trabalho se torna muito maior, mais com certeza o caminho do sucesso acaba sendo muito mais curto.

Vieira e Jesus (2004) descrevem que é necessário que o educador, para que se efetue um aprendizado satisfatório, em se tratando da alfabetização e do letramento, ele precisa recorrer a diversos materiais, como alguns textos, em primeiro momento, as quadrinhas, parlendas e canções que, em geral, se sabe de cor; e, em segundo momento, as embalagens comerciais, os anúncios, os folhetos de propaganda e demais portadores de texto que possibilitem suposições de sentido a partir do conteúdo, da imagem ou foto, isto é, de qualquer elemento do texto ou do seu entorno que permita ao aluno imaginar o que poderia estar aí escrito.

A procura do aprendizado pelos alunos da EJA, visa a melhoria da qualidade de vida e realização pessoal, é um grupo de indivíduos que trazem consigo algumas aprendizagens informais e conhecimentos em algumas áreas em que trabalham, juntamente com experiências e expectativas, entre outros.

Também devemos levar em consideração a especificidade dos conhecimentos e dos processos de aprendizagem por quais passam os jovens e adultos: em grau muito mais elevado do que as crianças, os adultos já dispõem de um amplo universo de conhecimentos práticos e concepções mais ou menos cristalizadas

sobre diversos aspectos da realidade social e natural. Em relação a esse ponto, o desafio seria identificar a natureza desses conhecimentos práticos e desses supostos estilos cognitivos próprios, e investigar de que modo poderiam ser mobilizados para as aprendizagens tipicamente escolares, ou, em outra perspectiva, de que maneira os conteúdos da escola deveriam ser modificados para se adequar a esse modo de pensar próprio que os jovens e adultos já teriam forjado ao longo da vida. (FREIRE, 2011)

O educador deve levar em consideração os conhecimentos adquiridos pelos alunos, trocando saberes, respeitando o processo de aprendizado do aluno, afim de que, o aprendizado se torne eficaz.

Precisamos, de fato, ouvir os alunos e estabelecer uma relação de troca de saberes, na qual o aluno sinta que seu conhecimento é importante e que a posição do professor não é a de quem vai impor um determinado conhecimento, desprezando seus saberes, como se esses não tivessem valor.

Para isso, voltamos aos conceitos de Paulo Freire, que entendia muito bem deste universo de jovens e adultos e por isso defendia o desmonte da concepção e da prática bancária de educação. A teoria de Paulo Freire para alfabetização de adultos constitui-se como parte de sua teoria problematizadora e libertadora de educação.

Esta teoria é o modo de como se dá a aprendizagem de forma eficaz. Deve-se considerar as atitudes, identidade, autonomia e sentido, para que realmente, o educando seja o sujeito da aprendizagem.

O processo de aprendizagem dá-se dá partindo do princípio que somos seres inacabados e que estamos sempre aprendendo; que aprender não é acumular conhecimento, pois os conhecimentos são voláteis e as informações envelhecem rapidamente; que o importante é aprender a pensar, pensar na realidade e não reproduzi- la, que é sempre possível aprender um com o outro e que só aprendemos aquilo que é significativo para a nossa vida, onde o que aprendemos na escola prolonga o nosso projeto de vida, havendo uma identificação com a escola para que esta seja prazerosa. (FREIRE, 2011)

A leitura, sempre devendo estar atrelada ao letramento, é fonte importante para a formação dos estudantes da EJA. Isso acontece porque em grande parte de sua formação os estudantes têm pouco tempo para a discussão em sala de aula, realização de atividades ou outros meios para a aprendizagem. A formação desses estudantes se dá praticamente de um estudo individualizado e em casa.

Ao fazer atividades com livros, por exemplo, o que já é difícil e exige paciência e que dificilmente se consegue porque a maioria dos estudantes desse grupo conseguem tempo e o livro para ler, faz-se uma análise superficial e pouco significativa da obra o que ocasiona certamente frustração para o leitor da mesma. Passa despercebido que a obra pode ser um rico e fantástico caminho para transformar visões do mundo, desenvolver novas perspectivas e pensamentos, conhecer e discutir sobre realidades diferentes, enfim um leque de possibilidades a serem exploradas. Manter os estudantes com leituras de textos quase sempre do cotidiano e que

exigem interpretação pouco criativa, ou que tenham atividades pré-estabelecidas com respostas pouco argumentativas empobrecem e enfraquecem a capacidade intelectual dos estudantes.

Com esse conceito, Santos (2004) descreve que perde-se, assim a força de todo um esforço que jamais se configurará em riqueza cultural pessoal, que liberta e nos faz mais capazes de interpretar os fatos da vida em todas as suas dimensões. Ler a vida, portanto, é um processo que se esvai.

Ou seja, manter os estudantes restritos a leituras cotidianas e não permitir que estes tenham acesso a discussões e leituras literárias, ou fiquem sempre com interpretações previamente definidas dessas obras, torna a leitura além de pouco significativa, nada atrativa.

O educador precisa estar seguro que pode ir além dos livros, ampliar seus horizontes de pesquisa e permitir que os estudantes façam o mesmo.

Sendo assim, a partir desses singelos conceitos, o educador terá em mãos a valorosa e não menos árdua tarefa de contribuir para a formação desses seres, hoje adultos e jovens que voltaram a estudar e que procuram bem mais do que juntar uma sílaba a outra para ler.

5. O EJA E SUA DIDÁTICA DOCENTE

O campo da Didática é comumente associado a muitos mitos e vem sendo pouco explorado no que tange às suas possibilidades para a formação docente. Ao serem questionados sobre o objeto dessa área da educação muitos alunos e até mesmo muitos professores respondem, restringindo-a, que trata-se de uma disciplina preocupada em estudar métodos, técnicas, receitas, que sirvam como um suporte aplicável a toda e qualquer aula

O termo “didática”, utilizado como adjetivo, foi empregado desde a Grécia Antiga, para definir a ação de ensinar exercida nas relações entre os mais velhos, as crianças, os adolescentes e os adultos, seja em um contexto familiar ou público. Entretanto, ela só começa a adquirir contornos mais específicos a partir do século XVII com a teoria formulada por Comênio (15621670), em sua obra denominada “DIDÁTICA MAGNA: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos”, escrita entre os anos de 1627 e 1657. (ANASTASIOU e PIMENTA, 2008)

Nos anos 60, com o advento tecnológico acirra-se o entendimento da didática como métodos e técnicas de ensino, com destaque no planejamento racional das práticas educativas. Corroborando com essa fase, o Brasil da década de 70, em plena atividade da ditadura militar, elege a educação como prioridade dentro do Plano Nacional de Desenvolvimento e, para isso, desenvolve programas de formação de professores por meio de treinamentos, cujo objetivo situa-se em transmitir instrumentos técnicos próprios para a aplicação do conhecimento científico, propagando a eficiência e a eficácia como princípios da atividade docente. (VIEIRA, 2004)

A década seguinte, de acordo com Martins e Romanowiski (2010), foi marcada como um período de intenso movi-

mento de revisão crítica e reconstrução da Didática no Brasil. Refletindo o momento político ao qual o país se encontrava, inaugurou-se uma discussão em prol de um professor mais crítico e reflexivo, que imprimisse suas impressões políticas em seu fazer docente, sem que houvesse espaço para a neutralidade.

De 1990 para 2000 há uma alteração na organização escolar e no próprio modo de identificação do professor, enquanto trabalhador, assalariado e sindicalizado. Acompanhada a essa fase surge também a concepção de aluno como sujeito de direitos e produtor de cultura. Dessa forma, o período é propício, devido a todo encaminhamento histórico e político, a uma compreensão da didática realizada pela prática, mediada pelo pensamento e, também pela realidade

Estando o sujeito em sociedade, a educação, como apropriação de si mesmo e das ferramentas necessárias para sua sobrevivência e convívio, ocorre de maneira natural, sendo com o decorrer da história da humanidade institucionalizada. Essa estruturação e sistematização tornou-se responsabilidade dos sistemas de ensino, das escolas, das universidades e, muitas vezes, centradas apenas na figura do professor. No entanto, ela está presente em todas as instancias da sociedade – família, mídia, empresas, hospitais etc. – havendo, portanto, educação para além dos espaços formais, constituindo em uma sociedade pedagógica. (ANASTASIOU E PIMENTA, 2008)

Nessa perspectiva, cabe à didática, enquanto ciência do ensino, isso é, como a sistematização teórica da prática de ensinar, a atividade de transformar a educação difusa que ocorre na sociedade em conteúdos formativos.

Essa didática que está presente em todas as relações sociais é também uma das áreas da Pedagogia. Ela consiste em uma atividade historicamente situada, que tem como objetivo a construção do aprendizado, por meio de uma investigação dos fundamentos e das metodologias de ensino.

Dessa forma, a didática faz parte dos saberes que incorporam à docência. Assim, dentre os conhecimentos dos quais o professor se apropria para subsidiar a sua prática, a didática é um componente fundamental. Pois ela possibilita que os educadores convertam os conhecimentos presentes no mundo e sistematizados nas ciências específicas, como artes, filosofia, matemática, entre outras, em matérias de ensino. Essa articulação constitui a didática, ela se forma essencialmente na junção dos elementos de cada campo específico com as teorias pedagógicas, visando unicamente à aprendizagem do aluno.

A atividade de ensinar é complexa e por se tratar de uma atividade social única, fundada nas relações entre os sujeitos – aluno e professor – se modifica ao mesmo tempo em que modifica também aqueles que estão nela envolvidos. Logo, apresentá-la e explorar a didática como instrumentos estáticos orientados por regularidades, regras, técnicas e operações na condução da aprendizagem não faz sentido.

Anastasiou e Pimenta (2008) descrevem que pensando no ensino como uma prática social, o papel da didática consiste em: compreender o funcionamento do

ensino em situação, suas funções sociais, suas implicações estruturais; realizar uma ação auto reflexiva como componente do fenômeno que estuda, porque é parte integrante da trama do ensinar (e não uma perspectiva externa que analisa e propõe práticas de ensinar); pôr-se em relação e diálogo com outros campos de conhecimentos construídos e em construção, numa perspectiva multi e interdisciplinar, porque o ensino não se resolve com um único olhar; proceder a constantes balanços críticos do conhecimento produzido no seu campo (as técnicas, os métodos as teorias), para dele se apropriar, e criar novos diante das novas necessidades que as situações de ensinar produzem.

A Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendolhe segurança profissional. (LIBÂNEO, 2002)

Um elemento marcante na teoria desse autor, a respeito da implicação da didática, consiste na importância da conscientização do professor a respeito da finalidade da educação. A principal perspectiva dessa disciplina é relacionar os processos pedagógicos aos objetivos sócio-políticos da ação educativa. A razão para isso se dá no potencial que a educação possui para a eliminação das desigualdades econômicas e sociais. Em outras palavras, a prática de ensino, o conteúdo que o professor leva para a sala de aula, e os objetivos propostos para aquisição do conhecimento pelo aluno, deve visar a apreensão do conteúdo por todos os estudantes, além de contribuir para uma formação mais crítica, que os façam questionar a sua realidade.

Libâneo (2002) ressalta que a concepção de didática se fundamenta por meio de três tópicos fundamentais. Primeiro, como uma disciplina pedagógica, que possui uma intencionalidade bem definida, a partir de objetivos explícitos. Pressupõe a interação entre aluno e professor, visando à aprendizagem com uma finalidade social. Segundo, por meio da relação entre o ensino e a aprendizagem, como o foco central da didática, que leva em consideração o ensino com uma atividade intencional para “assegurar” que o educando aprenda, tendo em vista a mediação do professor, no sentido de conduzir o aluno para que ele mesmo amplie sua capacidade de apropriação do conhecimento. E o terceiro tópico refere-se ao próprio processo de aprendizagem, que fará com que o aluno construa, elabore e reelabore os conhecimentos e, por consequência, sua ação.

O foco da didática é o processo de ensino, em sua totalidade, levando em consideração o seu fim pedagógico e social. Para ele, o ato de ensinar, pressupõe uma finalidade instrutiva, formativa e o uso de recursos direcionados à aprendizagem. Isso quer dizer que, a teoria e a prática, para o autor, são pólos indissociáveis na prática do docente.

A didática é uma prática humana que, nesse sentido, adquire então características próprias da ação do homem. Geralmente, definimos objetivos, estipu-

lamos meios para alcançálos, realizamos as ações estabelecidas, e analisamos os efeitos obtidos.

Podemos pensar a didática também como uma disciplina reflexivo-aplicativa que se ocupa dos processos de formação e desenvolvimento pessoal em contextos intencionalmente organizados. Nessa perspectiva, a didática propõe ação fundamentada que reúna conhecimentos de diversas áreas, integrando-as segundo uma intencionalidade político-ideológica voltada para o processo de aprendizagem. (LIBÂNEO, 2002)

A didática deve promover uma prática de ensino transformadora da realidade social em questão. A didática, vista a partir dessa formulação, se compromete substancialmente com a aprendizagem do aluno, com todo o seu processo formativo, educacional, psicológico e emocional. Importa para ela, como um ato político, romper com os sistemas reprodutivos das camadas sociais e garantir oportunidades igualitárias para todos os sujeitos.

Fica fácil então entender o porquê da aproximação entre a didática e o ensino para jovens e adultos, totalmente focado nas questões sociais, como propulsor de uma aprendizagem significativa e efetiva. Utilizar as experiências de vida dos alunos é de suma importância, assim como produzir atividades que estejam vinculadas a sua realidade.

O que não se torna cabível são propostas como cópias, ditados, situações aritméticas sem função social, aprendizados que não seriam capazes de ultrapassar os muros escolares.

Partindo da premissa descrita no parágrafo anterior, além de tornar a aprendizagem mais prazerosa e palpável ao aluno, ela será realizada de forma mais facilitada tanto para o educador como para o educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o contexto educacional, as modificações que toda essa área passou por esses anos, observamos um significativo retorno aos estudos daqueles que por algum motivo, independente de quais foram, cessaram essa atividade. A partir disso, tivemos implantado nas escolas públicas em nosso país a chamada EJA, educação para jovens e adultos, onde os indivíduos, pudessem terminar o ensino fundamental e o ensino médio.

Educar os jovens e adultos está presente em território nacional há muito tempo, desde a época da colonização dos índios pelos padres jesuítas, e ao longo das décadas, o governo brasileiro propondo ações para minimizar esse cenário de intenso analfabetismo que sempre assolou o Brasil.

Escrever sobre a educação de jovens e adultos no Brasil e formar qualquer docente que atua com esse público, a existência de Paulo Freire e sua Pedagogia Libertadora, tem que ser destacada. Tudo que se pensa hoje na metodologia e didática relacionada ao EJA, é amparada nessa pedagogia que era específica para a educação de jovens e adultos, onde foi desenvolvida uma pedagogia que se libertou das amarras do tradicionalismo, na chamada “educação bancária”, onde antigamente o aluno era considerado apenas um melhor receptor de conhecimentos, onde o

professor fazia esse "depósito" do que e da forma como queria, no que se refere aos conteúdos. Paulo Freire, nosso grande educador, elaborou uma educação onde o professor e o educando aprenderiam, onde a bagagem cultural do aluno seria utilizada, onde toda e qualquer aprendizagem deveria ser significativa para ambos e o intuito sempre seria a formação de um indivíduo crítico, argumentativo, formador de opinião e emancipado. Todas essas questões foram enumeradas nesse artigo quando pensado na formação do docente para ministrar aulas para essa faixa etária.

Nos dias de hoje já não temos mais o MOBRAL, o MOVA e outros tipos de programas para educação de jovens e adultos, contudo a mesma aparece cada vez mais presente nas escolas, em períodos pré definidos, tendo agora um público alvo bem diferente daquele de antes.

Atualmente podemos entender que nas salas de EJA uma sala há uma importante heterogeneidade com alunos das mais variadas formas, com experiências diferenciadas, idades diferentes e etc. Com isso, o professor deverá estudar atentamente o seu plano de aula para atingir os objetivos pré determinados com os seus alunos.

Apesar de tudo isso, ainda podemos constatar que muitos educadores ainda não se especializaram o necessário e consequentemente acabam utilizando as mesmas estratégias e procedimentos que são utilizadas nas aulas para crianças e/ou pior, a utilização de ideias e conceitos arcaicos no que se refere a aquisição dos conhecimentos por parte do educando.

O professor para conseguir ter um trabalho efetivo esse público deve acima de tudo, sempre fazer uso dos conceitos baseados na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, além de estar familiarizado com as mídias e tecnologias alternativas de aprendizagem, buscando parcerias e interdisciplinaridade.

Promover aprendizagem e ensinamentos para o aluno é primoroso, ainda mais quando o mesmo vem buscando o tempo perdido e consequentemente vê nos estudo uma chance de uma vida melhor, seja na questão profissional e/ou social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, G. L., PIMENTA, G. S. Docência no Ensino Superior. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ARROYO, G. M. Educação de Jovens – adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

BECKER, F. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. Convite a leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 2001.

LIBÂNEO, C. J. Didática: velhos e novos temas. São Paulo: Edição do Autor. 2002.

MARTIN, O. L. P., ROMANOWSKI, P. J. A didática na formação pedagógica de professores. Revista Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 205-212. 2010.